

**O nome como metáfora: Função e significado dos nomes femininos em *Três casas e um rio* (1958) e *Primeira manhã* (1967), de Dalcídio Jurandir**

**The name as a metaphor: Function and meaning of feminine names in *Three Houses and a River* (1958) and *First Morning* (1967), by Dalcídio Jurandir**

Gissandra Diovana Dias Teixeira<sup>1</sup>  
Marlí Tereza Furtado<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo analisa os nomes das principais personagens femininas dos romances *Três casas e um rio* (1958) e *Primeira manhã* (1967), de autoria do escritor marajoara Dalcídio Jurandir, utilizando como base a Onomástica literária, mais especificamente a área da Antroponímia literária como abordagem central. A pesquisa parte do pressuposto de que os nomes em ambos os romances funcionam como metáforas e evocam significados que reverberam na jornada do protagonista Alfredo. O método de revisão bibliográfica baseou-se em autores estudiosos do campo da Onomástica literária e dos estudos dalcidianos. Por meio da análise dos nomes, pautadas em dicionário etimológico e dicionários de símbolos, bem como análise das referidas personagens nos romances, conseguiu-se observar como as personagens femininas são de grande relevância para a trajetória de Alfredo. Além disso, os resultados apontaram que os nomes das personagens funcionam como metáforas que transcendem o sentido literal e transmitem o significado de força, trabalho e iluminação, elementos essenciais à construção da identidade e do caráter do protagonista. Ao mesmo tempo, os nomes são significativos e fundamentais para que as figuras femininas consigam revelar e desenvolver suas próprias jornadas.

**Palavras-chave:** Antroponímia literária; personagens femininas, *Três casas e um rio*; *Primeira manhã*; Alfredo.

**Abstract:** This study analyzes the names of the main female characters in the novels *Três casas e um rio* (1958) and *Primeira manhã* (1967), written by the Marajoara writer Dalcídio Jurandir, using literary onomastics as a basis, more specifically the area of literary anthroponymy as a central approach. The research is based on the assumption that the names in both novels function as metaphors and evoke meanings that reverberate in the journey of the protagonist Alfredo. The bibliographic review method was based on authors who studied the field of literary onomastics and Dalcidian studies. Through the analysis of the names, based on an etymological dictionary and dictionaries of symbols, as well as an analysis of the aforementioned characters in the novels, it was possible to observe how the female characters are of great relevance to

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários (PPGL/UFGA), . Especialista em Ensino de Língua e Literatura nos Anos Iniciais e na Educação de Jovens e Adultos (UFGA). Graduada em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFGA). E-mail: [gissandrateixeira@gmail.com](mailto:gissandrateixeira@gmail.com).

<sup>2</sup> Possui graduação em Licenciatura Em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (1977), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (1982) e doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Atualmente é professor Titular da Universidade Federal do Pará. E-mail: [marlitf@ufpa.br](mailto:marlitf@ufpa.br).

Alfredo's trajectory. Furthermore, the results indicated that the names of the characters function as metaphors that transcend the literal meaning and convey the meaning of strength, work and enlightenment, essential elements in the construction of the protagonist's identity and character. At the same time, the names are significant and fundamental for the female figures to be able to reveal and develop their own journeys.

**Keywords:** Literary anthroponymy; female characters; Three houses and a river; First morning; Alfredo.

## 1 Introdução

Entre os diversos elementos narrativos que constituem uma obra literária, as personagens destacam-se em razão da capacidade de desenvolver qualidades, fazer escolhas e realizar ações. Quanto aos aspectos que norteiam o desenvolvimento de personagens, Candido (1992, p. 51) enfatiza que “quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens, quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas que se enredam, na linha de seu destino”. O conjunto de elementos citados por Candido determinam a evolução das personagens e, em certos textos literários, mesmo a escolha de um nome é determinante para a trajetória de um indivíduo, o que, por sua vez, pode influenciar os rumos da narrativa.

Partindo desse pressuposto, este estudo propõe-se a analisar os nomes das principais personagens femininas dos romances *Três casas e um rio* (1958) e *Primeira manhã* (1967), escritos pelo autor marajoara Dalcídio Jurandir. O objetivo é examinar com maior precisão como certas figuras femininas presentes nessas narrativas atuam na trajetória do protagonista Alfredo. Ao mesmo tempo, examinaremos seus nomes como possíveis chaves de leitura para a jornada do personagem, considerando a noção de nome como metáfora.

Embora Dalcídio Jurandir tenha construído um projeto literário constituído por dez obras, justifica-se a escolha dos romances, tendo em vista a importância que ambos representam para o protagonista. *Três casas e um rio* (1958) retrata o momento em que o menino interiorano realiza o sonho de estudar em Belém, enquanto o romance *Primeira Manhã* (1967), corresponde à fase em que Alfredo ingressa no ginásio, em Belém, e inicia uma jornada de autodescoberta.

Nesse sentido, as personagens femininas presentes na infância e na adolescência do jovem Alfredo ocupam um papel fundamental em sua jornada e no desdobramento de todo o ciclo dalcidiano. Furtado (2004, p. 41) afirma que “grande número de mulheres perpassa o destino de Alfredo”. Essas mulheres contribuem para o desenvolvimento da narrativa, apesar de ocuparem a posição de personagens secundárias, pois são elas que oferecem o suporte

necessário para que o protagonista enfrente seus conflitos internos.

O estudo foi realizado com base em revisão bibliográfica na área da Onomástica literária, mais especificamente no campo da Antroponímia ficcional. Tendo em vista que o foco da investigação são os nomes próprios e seus possíveis significados no texto literário, a fundamentação teórica foi referenciada em autores como Amaral e Seide (2020), Bechara (2009), Carvalhinhos (2011), Machado (2013) e Mexias Simon (2007). No campo dos estudos dalcidianos, o arcabouço teórico sustentou-se sobretudo nos estudos de Assis (1996), Furtado (2004), Jurandir (1996) e Santos (2019). Além disso, tratando-se de um estudo de personagens, foi essencial realizar uma breve apresentação do autor para a compreensão de sua produção romanesca, especialmente no tocante à criação de personagens que além de habitarem o espaço amazônico, se constituem como figuras universais.

Para a análise dos nomes, foram utilizados o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Guérios (1981), e os *Dicionários de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (2000), e o de Cirlot (1984), possibilitando analisar etimológica e simbolicamente o papel das personagens femininas. A partir das definições dos dicionários e da construção e desenvolvimento dos indivíduos na narrativa, tornou-se viável analisar e comparar a relação entre os nomes, ações, personalidade e posicionamento das personagens nos romances, os quais destacam a importância desses aspectos no processo de amadurecimento emocional e na construção identitária de Alfredo.

## **2 Significados e funções dos nomes próprios na literatura**

Desde a antiguidade, o ato de nomear tem se mostrado uma necessidade essencialmente humana, pois escolher um nome significa conferir a alguém ou a algo uma identidade que o distingue dos demais. Logo, a função significativa do nome é um aspecto singular: “Em tempos remotos, o nome próprio cumpria a função significativa, isto é, sua função semântica estava assegurada: o indivíduo não era apenas designado por seu nome, como recebia toda sua carga conotativa” (Carvalhinhos, 2011, p. 2).

Entretanto, ao longo do tempo, os significados e motivações para a atribuição de um nome têm sofrido transformações de natureza social, cultural, histórica e linguística, o que justifica o constante interesse por estudos voltados para a função e significado dos nomes na área da Onomástica. Quanto à importância dos nomes próprios, na *Moderna Gramática Portuguesa*, Evanildo Bechara (2009) define os antropônimos e topônimos como os substantivos próprios mais importantes:

Os substantivos próprios mais importantes são os antropônimos e os topônimos. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm prenome (nome próprio individual) e sobrenome ou apelido (“que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [Caeiro], da sua filiação (patronímico) [Soares, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [Diogo Cão], de uma circunstância de nascimento [Neto]”). Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos (Bechara, 2009, p. 94).

Devido à relevância apontada por Bechara (2009), torna-se necessário pensar na importância da Onomástica nos estudos dos nomes. Sobre isso, Amaral e Seide conceituam a Onomástica como uma área de estudos amplamente pesquisada ao longo dos anos:

Nos estudos da linguagem, os nomes próprios de pessoa, denominados *antropônimos*, são temas de pesquisa há vários séculos. A Onomástica é a área do conhecimento que tem como objeto de estudo os nomes próprios. Como os antropônimos constituem um subconjunto desses nomes, damos o nome de Antroponomástica à subárea da Onomástica que investiga os nomes próprios de pessoa (Amaral; Seide, 2020, p. 28).

Nesse sentido, a Onomástica é o ramo da linguística que estuda os nomes próprios a partir de duas grandes áreas de interesse: a Antroponímia, que está relacionada à origem de nomes próprios de pessoas, bem como sobrenomes, apelidos e alcunhas, e a Toponímia, que tem como foco de investigação os nomes de lugares.

No panorama de abrangência dos estudos Onomásticos, interessa-nos em primeira instância a antroponomástica ou antroponímia ficcional, que segundo Amaral e Seide “reúne pesquisas cujo foco são os nomes de personagens fictícias, sejam elas oriundas da literatura, do cinema ou teatro” (Amaral; Seide, 2020, p. 40).

Por outro lado, este estudo relaciona-se a uma subárea ainda mais restrita da antroponomástica ficcional, denominada Antroponímia Literária: “Costuma-se considerar a Antroponímia Literária como parte da Antroponímia Ficcional, visto que aquela é mais específica, já que se dedica apenas ao estudo dos nomes de personagens de obras literárias” (Pedrassani; Eckert; Rohrig, 2018, p. 301). Tendo em vista que o foco desta pesquisa são os nomes das personagens femininas dos romances *Três casas e um rio* (1958) e *Primeira manhã* (1967), eles integram-se como objeto de estudo da Antroponímia Literária.

No âmbito dos estudos literários, os nomes próprios assumem uma linguagem singular, uma vez que dentre muitas possibilidades de interpretação podem representar informações significativas das personagens:

No caso da narrativa, tal posição é indefensável. Quando um autor confere um Nome a um personagem, já tem uma ideia do papel que lhe destina. É claro que o Nome pode vir a agir sobre o personagem e mesmo modificá-lo, mas, quando isso ocorre, tal fato só vem confirmar que a coerência interna do texto exige que o Nome signifique. É Revista A Palavra (ISSN 2358 0526), 27, jan-jun, p. 23-42, 2025 - 1ª edição

lícito supor que, em grande parte dos casos, o Nome do personagem é anterior à página escrita. Assim sendo, ele terá forçosamente que desempenhar um papel na produção dessa página, na gênese do texto (Machado, 2013, p. 30).

Em uma narrativa, o nome de um personagem é frequentemente escolhido de maneira a refletir aspectos significativos de sua jornada e desdobramentos do enredo “portanto, o nome é sempre significativo, é sempre uma forma de classificação” (Machado, 2013, p. 29). Além disso, a origem e o significado do nome podem transcender a intenção do autor e assumir uma relevância que reverbera além da obra, contribuindo para a construção e o papel da personagem na história.

Em relação à importância do nome no universo literário, Mexias-Simon destaca que na literatura o nome ganha concretização:

De quaisquer formas, o nome do personagem ganha concretização se já não a possuía. É um recado do autor aos leitores, traça o caráter dos personagens, é parte da trama; vai-se transformando em signo linguístico pleno, com significante e significado, se não intelegido, ao menos intuído (Mexias-Simon, 2007, p. 68).

Assim, o nome de um personagem em uma narrativa será essencial para a construção de seu caráter, uma vez que, na literatura, um nome pode apresentar informações implícitas que indicam traços da personalidade do personagem, mostrando-se capaz de transmitir uma mensagem para o leitor. Concernente às personagens dalcidianas, antes de analisarmos os nomes e suas possíveis significações e funções, é necessário adentrarmos no universo criado por Dalcídio Jurandir, cenário habitado por inúmeras personagens que atravessam a narrativa, revelando dimensões ocultas e invisibilizadas de suas trajetórias.

### **3 Dalcídio Jurandir e a universalidade de suas personagens amazônicas**

Autor de um ciclo romanesco denominado *Ciclo Extremo-Norte*, Dalcídio Jurandir construiu ao longo de quase 40 anos um projeto estético e literário cuja finalidade centrou-se em retratar as vivências de personagens que habitam o interior da Amazônia. Referindo-se à própria produção romanesca, o autor pontua:

Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heroico, o dia-a-dia da vida marajoara, vida que parece tão coisa nenhuma e é, no entanto, tão de todo mundo. Não figurei Marajó como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido (Jurandir, 1996, p. 28).

Assim, por meio dos romances que compõem o ciclo, o escritor revela elementos fundamentais de sua escrita, os quais rompem com a tradição literária que costumava representar a Amazônia como um espaço limitado ao inferno ou ao paraíso. Ao desfazer essa imagem estereotipada Dalcídio Jurandir se distancia da ideia de pertencer a um regionalismo menor, como constantemente a crítica o classificava. Poucos críticos como Benedito Nunes (2006) reconheceram em Jurandir um escritor cuja escrita ultrapassava o regionalismo amazônico, alcançando uma dimensão universal.

No tocante à elaboração do ciclo, nos dez romances publicados, o escritor direcionou a atenção à população mais pobre da ilha de Marajó e demais áreas da região Norte: “a gente humilde habita as páginas dos romances de Dalcídio Jurandir, como canoeiro, taberneiro, vaqueiro, pescador, roceiro, vendedor ambulante, bêbado, doceiro, pupunheiro, etc, que foram seus personagens, mas também sua preocupação maior” (Assis, 1996a, p. 38). Desse modo, Jurandir constrói, ao longo dos romances que assina, uma escrita crítica e em favor dos menos privilegiados.

Nesse sentido, embora o cenário amazônico seja o pano de fundo onde a maioria das narrativas dalcidianas ocorre, a produção literária do autor não se concentra unicamente no cenário. Ao contrário, a faceta ficcionista do escritor vai muito além disso, pois transparece sua preocupação com questões sociais veiculadas por meio dos seus personagens e do que há de mais humano em cada um deles: medos, dilemas, formas de ver o espaço que ocupam e a maneira como tratam os indivíduos à sua volta.

A escrita de Dalcídio Jurandir se destaca por conferir visibilidade a personagens comuns, frequentemente marginalizados, que ganham protagonismo a partir de experiências cotidianas. Ao retratar com sensibilidade e autenticidade as vivências dessas figuras, o ficcionista constrói um painel da realidade paraense, especialmente das camadas populares, por meio de uma prosa que denuncia. Como menciona Assis,

alimentando o seu imaginário, Dalcídio desvenda os segredos do mundo [...]. Esse mundo de que nos referimos, retido no inconsciente de Dalcídio, aparece na sua prosa, em forma de grito, daquele grito já lembrado, para denunciar a fome, a pobreza, a prostituição, a promiscuidade, sempre presente no mundo dos menos favorecidos, dos pobres (Assis, 1996b, p. 44).

Dessa forma, a “criaturada grande de Marajó” constitui o cerne do universo dalcidiano, como o próprio autor reconhece ao afirmar “todo meu romance, distribuído, provavelmente, em dez volumes, é feito na maior parte, da gente mais comum, tão ninguém, que é minha criaturada grande de Marajó, Ilha e Baixo Amazonas” (Jurandir, 1960, p. 32). No comentário de Jurandir,

percebe-se a importância da construção de cada um dos inúmeros personagens de seu projeto literário, pois, embora os romances sejam ocupados, como ele mesmo afirma, pelas pessoas mais comuns, são as características e os anseios desses personagens que os tornam figuras tão universais, ao passo em que também são figurações autênticas dos sujeitos amazônicos.

Na maioria dos romances dalcidianos, Alfredo desponta como personagem principal nas narrativas ambientadas na Vila de Cachoeira e também na cidade de Belém do Pará. No entanto, no espaço de decadência e ruínas que habitam os personagens do ciclo, chama a atenção o grande número de mulheres:

Apesar desse protagonismo masculino, há uma quantidade considerável de personagens femininas que auxiliam tanto no desenrolar do enredo, como no desenvolvimento dos dramas dos homens, não se limitando a apenas essa contribuição, mas também trazem para a narrativa as suas próprias histórias e, dessa maneira, ajudam no retrato da Amazônia que o escritor paraense desejava apresentar por meio de sua obra (Santos, 2019, p. 67).

Conforme mencionado, embora o protagonismo do ciclo seja masculino, as personagens femininas contribuem para a evolução da narrativa e construção do enredo. Essas personagens vivenciam dramas que ganham relevo ao longo da trama e colaboram para a compreensão de suas próprias trajetórias:

Impressiona o grande número de mulheres que colaboram para o desenvolvimento da narrativa, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, mesmo não sendo, em sua maioria, protagonistas dos romances (Santos, 2019, p. 66).

De acordo com a proposição apresentada, mesmo no papel de personagens secundárias, as representações femininas não se restringem a apenas auxiliar a progressão narrativa, mas vivenciam trajetórias próprias e contribuem para a representação de uma Amazônia que, para além da exuberância, é habitada por sujeitos que também enfatizam a dimensão social na escrita do autor. Quanto à presença das representações femininas nos textos de Dalcídio, Furtado afirma que:

Em *Extremo-Norte* (1939/1978), ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir, chama-nos a atenção o extenso número de mulheres presentes nos dez romances. A exatidão desse número não nos levará ao que mais nos interessa: refletir sobre a elaboração do universo feminino na obra dalcidiana, o qual se tingem de cores variadas, na maioria das vezes em tons carregados do trágico, em outras do patético, e do grotesco (Furtado, 2004, p. 41).

O comentário de Furtado ressalta a importância das mulheres na elaboração do ciclo

romanesco dalcidiano, em diversas histórias que refletem contextos de humilhação, opressão e pobreza aos quais muitas vezes foram sujeitadas. Por outro lado, entender o papel ocupado pelas figuras femininas é necessário para o discernimento de como suas ações contribuem para as trajetórias e decisões de outros personagens. Os estudos da narratologia tornam possível pensar os papéis narrativos das personagens a partir dos conceitos de paciente, agente e influenciador:

O paciente é o papel de base, pois toda personagem o foi, o é ou o será. É ele que vem a ser afetado pelo processo. O agente exerce a ação. E o influenciador intervém antes da ação, a fim de influenciar o estado de espírito (a espera, a esperança, os receios...) do agente ou do paciente (Reuter, 2004, p. 48).

Esses conceitos contribuem para a compreensão das transformações vivenciadas pelos personagens ao longo da narrativa, evidenciando como suas ações podem transitar entre diferentes categorias, o que permite verificar de que modos as personagens femininas nos romances dalcidianos exercem a função de influenciadoras sobre a trajetória de Alfredo. A análise dessa possível influência terá como foco os nomes das personagens femininas que a partir dos significados apresentados funcionam como metáforas no desenrolar da trama.

#### **4 Os nomes como metáfora em *Três casas e um rio* (1958) e *Primeira manhã* (1967)**

Segundo o *Dicionário etimológico reduzido*, “a metáfora origina-se do grego *methaphorá* e significa translação” (Nascentes, 1966, p. 485), sendo compreendida como um mecanismo discursivo que transfere o sentido habitual de uma palavra para o sentido figurado. Por meio desse deslocamento interliga-se o real e o simbólico no interior da narrativa.

No *Dicionário de termos literários*, Massaud Moisés comenta que Aristóteles foi quem primeiro conceituou a função da metáfora: “as primeiras observações acerca do conceito de metáfora devem-se a Aristóteles: a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie de uma para a outra, ou por analogia” (Moisés, 1978, p. 326). Com isso, embora a metáfora se constitua como um recurso de linguagem universal, ou seja, não exclusivo da linguagem literária, é interessante pensar como este conceito pode ser utilizado nos estudos da Antropoímia literária.

Para tanto, será necessário analisar como os nomes próprios de determinadas personagens femininas ultrapassam o sentido literal e evocam um significado mais profundo e simbólico, assumindo dessa forma uma função literária. De acordo com Márcia Seide, uma das funções que o nome assume é a capacidade de caracterização: “Esta função é de natureza semântica e descritiva. Ela ocorre quando um antropônimo, em contexto ficcional, tem por

Revista A Palavra (ISSN 2358 0526), 27, jan-jun, p. 23-42, 2025 - 1ª edição



função caracterizar seu portador, isto é, há uma conexão direta entre o nome e as características da personagem denotada estabelecendo uma conexão” (Seide, 2023, p. 8). Além de destacar a caracterização como a relação entre o nome e as características do portador do nome, a autora ainda complementa: “abarca tanto o significado literal dos nomes quanto seu significado metafórico” (Seide, 2023, p. 8). Desse modo, os nomes funcionam como metáforas e criam sentidos mais amplo que transcendem o literal e estabelecem conexão com os caminhos traçados pelo personagem Alfredo em *Três casas e um rio* (1958) e *Primeira manhã* (1967).

Publicado pela Martins Editora, o romance *Três casas e um rio* (1958) é o terceiro livro do projeto romanesco de Dalcídio Jurandir e apresenta uma narrativa dividida em quatorze capítulos, sem títulos. Na obra, seguimos conhecendo a história do personagem Alfredo, agora com quase 11 anos. Alfredo é filho do Major Alberto, secretário da intendência da vila de Cachoeira do Arari, e de dona Amélia, uma mulher negra de origem pobre, com quem o Major tem ainda outra filha chamada Mariinha.

Além da família de Alfredo, um grande número de personagens compõe o romance e contribui para o enriquecimento do enredo. Por meio da imaginação do escritor, os diversos personagens vão surgindo ao longo da narrativa, incorporando suas histórias através de reflexões que acabam por transcender o tempo linear para o tempo das lembranças desenvolvidas ao longo do enredo, revelando-nos inquietações ligadas ao íntimo e ao psicológico de cada personagem, exploradas a partir das mais diversas questões.

Ainda que o foco da análise recaia sobre os nomes das personagens femininas, é relevante considerar também o significado do nome Alfredo, pois ele pode oferecer indícios sobre o papel que essas figuras exercerão em sua jornada. A origem etimológica do nome Alfredo é germânica, significando “aconselhado pelos elfos” (Guérios, 1981, p. 52). De fato, nas obras analisadas, Alfredo é guiado ou assume a função de quem recebe conselhos não de elfos, mas de figuras femininas que o acompanham em sua trajetória.

Em *Três casas e um rio* (1958), duas personagens femininas, Amélia e Lucíola, emergem como figuras centrais na trajetória e nos desafios vividos por Alfredo no espaço da Vila de Cachoeira, onde residem. Os nomes dessas personagens carregam significados que ressoam na jornada do protagonista. O nome Amélia, de acordo com o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Guérios, deriva de Amália e está ligado à ideia de labor “trabalho, incômodo. Outros: “ativa, laboriosa” (Guérios, 1981, p. 55). No romance, Amélia ou dona Amélia é descrita como uma mulher negra, pobre e sem educação formal, frequentemente chamada de “pretinha de Muaná”, sua cidade natal. Ao conhecer o Major Alberto, dona Amélia torna-se sua amásia e

aceita o convite para ir morar na Vila de Cachoeira. Alfredo é fruto dessa relação.

É importante ressaltar que a trajetória de dona Amélia sempre foi marcada por uma vida de trabalho, como observamos na descrição do próprio narrador: “sentia-se bem, outra, restituída àquela Amélia que assava perus, batia chocolate nos serões em que Major fabricara fogos e compunha programas” (Jurandir, 2018, p. 233). Observa-se neste trecho que Amélia é descrita como uma mulher ativa nas atividades domésticas, ocupando quase sempre o espaço da cozinha.

No romance *Primeira manhã* (1967), dona Amélia também é presença constante, principalmente, na memória de Alfredo:

Na mãe, via as Ilhas, que sempre lhe pareceram fabulosas, onde ela trabalhou, aprendeu a assinarzinho o nome, apanhou do irmão, perde o filho, o culpado não acusou, não diz quem; na mãe, via Areinha onde lavou roupa alheia, arma tear, renda de bilro, lancea camarão, açai que apanhou nem se conta; em Cachoeira o ofício do chalé, sobre o fogão chorando sem lágrimas, o filho afogado, chorando a Mariinha. Apreciava a mãe trabalhar, sempre a sentir, longe ou perto, a mãe trabalhando (Jurandir, 2016, p. 48).

No fragmento, Alfredo relembra a trajetória da mãe, dona Amélia, quando ainda morava em Muaná e enfrentou a perda de um filho cuja paternidade nunca foi revelada por ela. Antes da morte da criança, era dona Amélia quem assumia sozinha a sua criação, realizando todo tipo de trabalho para suprir suas necessidades. Nota-se ainda que quando passou a conviver no chalé, dona Amélia continuou com os trabalhos sobre o fogão, o que fez com que Alfredo construísse uma imagem da mãe sempre associada à ideia de mulher laboriosa.

Além disso, a importância de dona Amélia na trajetória de Alfredo deve-se ao fato de que, embora fosse uma mulher pobre e sem estudo, é ela quem realiza o sonho do filho de estudar em Belém do Pará, algo que por muito tempo parecia impossível:

Ao perguntar à mãe, por que não viera uma resposta, uma satisfação por parte dele, uma linha sequer sobre a promessa, D. Amélia que se encontrava bem, disse com um sorriso calmo:  
 - Ora meu filho, você já viu essa gente se interessar que pobre estude? Mas nem que eu vá lavar roupa em Belém...você vai.  
 Pela primeira vez, em Alfredo, se fazia uma luta surda, muitas vezes disfarçada mas irreparável, entre as pessoas ricas, tão poucas e as pessoas pobres que eram sem conta. Até então se julgava do lado das pessoas ricas, inclinado a ser uma delas ou pelo menos protegido, porque seu pai, embora pobre, tinha instrução, era Secretário, servia ao Intendente. Sua mãe mostrava-lhe uma realidade inesperada, acima de suas soluções de menino, da magia de seus faz de conta e o lançava entre os moleques, quase seus semelhantes agora (Jurandir, 2018, p. 206-207).

No trecho acima, Alfredo questiona a mãe sobre o colégio e sobre a ajuda que o intendente prometera a seu pai para que pudesse ir morar em Belém. Nesse momento, dona Amélia conduz o filho à reflexão sobre a falta de interesse político em relação ao acesso à

educação para os pobres. Sob essa perspectiva, Alfredo começa a perceber uma realidade diferente. Ele que sempre se considerou do lado dos ricos, afinal era filho do secretário da intendência, compreende que todas as dificuldades que o impediam de estudar lhe apontavam a sua verdadeira condição social.

Outra questão relevante é a postura passiva de Major Alberto, pois, embora fosse um homem instruído, é dona Amélia quem encoraja e trabalha para que a mudança do filho se concretize. À custa de muitos sacrifícios, no final do romance, Alfredo e a mãe embarcam rumo à capital:

Seu pai o abençoou sem palavras, dois dedos brancos e breves roçaram-lhe os lábios. Que vontade de abraçá-lo, por que não lhe dizia nada, nem um conselho? O coração subia e descia, mas Andreza?

Chegaram ao trapiche sob o chuvisco. Seria mesmo a partida? Achou-a agora demasiadamente fácil, inesperada, diferente, diferente do que imaginava. Faltava-lhe o encanto da fuga, a outra viagem continuaria nele para que um dia fosse realizada (Jurandir, 2018, p. 459).

No relato da partida, percebe-se que Alfredo esperava por uma viagem que transcendesse o literal. Este aspecto será bem melhor desenvolvido nos outros romances. No entanto, a mudança, a nova vida alcançada graças aos esforços da mãe, não representava apenas uma nova vivência, mas significava a compreensão a respeito das diferenças sociais que limitavam seu acesso à educação.

Quanto ao nome Lucíola, segundo o significado etimológico, originou-se de Lúcia. Lúcia, por sua vez, deriva do latim *Lucius*, o qual significa “luminoso, luzente, iluminado. Deriv. de *lux*, *lucis*. Primit.: Nascido à luz do dia, ou ao romper d’alva” (Guérios, 1981, p. 165). Em *Três casas e um rio* (1958), além de dona Amélia, Lucíola é uma das mulheres com quem Alfredo convive. Filha da falecida Siá Rosália, ela mora com os irmãos em uma casa velha vizinha ao chalé e é descrita no romance como uma solteirona que tem fortes sentimentos maternais por Alfredo. Esse sentimento foram cultivados desde os primeiros dias da infância do menino, quando passava longas horas sob os seus cuidados, na casa velha vizinha ao chalé.

Nota-se que Lucíola nutre por Alfredo um amor maternal, a ponto de se referir a dona Amélia como “a mãe de seu filho”, e em outras passagens se refere ao menino como “filho”, submetendo-se a tudo para mantê-lo sempre por perto. Vale ressaltar que o nome Lucíola compartilha a mesma raiz etimológica com o nome Lucina, sendo ambas derivadas de luz ou *lux*. Lucina, na mitologia romana, é frequentemente evocada como a deusa dos partos, aquela que ajuda a dar à luz e protege, assim como é um nome atrelado à ideia de maternidade. Desse modo, é possível que o nome Lucíola também apresente esse potencial simbólico no romance.

A relação de Lucíola e Alfredo adquire relevância narrativa no episódio de  
Revista A Palavra (ISSN 2358 0526), 27, jan-jun, p. 23-42, 2025 - 1ª edição

Marinatambalo, quando o menino foge do chalé ao presenciar uma discussão entre os pais e descobrir o alcoolismo da mãe. Nesse momento, Lucíola, em consonância com o significado simbólico de seu nome, ilumina o caminho de Alfredo:

Por outro lado, sentia-se alegre, quase feliz, porque se achava naquela hora, na completa posse do menino que tanto quis que fosse seu, a bem dizer criado por ele neste ponto exagerava, é que D. Amélia tudo fizera para arrebatá-lo das mãos. Por isto, já não o via tão crescido e sim feito aquela criança a quem ninara com tanto dengo e tanta presunção maternal. Esse passado distanciara-se muito, apesar dos curtos anos que separaram Alfredo das papinhas de Maizena, do cueiro bordado, do trem de carretéis, das senhas do bonde trazidos de Belém, das dengüices choronas dele agarrado às saias dela e de D. Rosália. E agora estava ele em seu colo, fugindo daquele chalé (Jurandir, 2018, p. 270).

Após a fuga, Alfredo se perde na escuridão, mas é observado por Lucíola, que, ao notar a movimentação na casa de Major Alberto, presencia a fuga do menino e decide segui-lo. Alfredo, ao perceber que está sendo seguido sente-se amedrontado e acaba desfalecendo justamente no momento em que Lucíola se aproxima. Ela, então, o toma sob seus cuidados e o conduz até Marinatambalo, antiga fazenda pertencente à família Menezes, que naquele momento já se encontra em estado de decadência.

Lucíola sente-se feliz com a situação, pois assim pode assumir plenamente a função maternal que sempre desejou, visto que, nessa situação de vulnerabilidade, é ela quem acompanha o menino. A aventura em Marinatambalo guiada por Lucíola parece ter para Alfredo muitos desdobramentos. Furtado destaca isso desde o momento da fuga, ao apontar que o menino.

questiona-se, a seguir, sobre a real existência de Marinatambalo e depois “deseja libertar-se daquela tirania de ilusões e mentiras de medo e de faz de conta”[...] “Senti que crescera muito naquela noite, tornava-se adulto pelas decepções e pelo orgulho ferido”. Realmente ele cresceu porque, ao pensar novamente na mãe morta, sente que queria aquela mãe, mesmo bêbada, doente, morta” (Furtado, 2010, p. 76).

Conforme mencionado por Furtado, durante o percurso até Marinatambalo, mesmo em meio ao sofrimento em que se encontrava, Alfredo passa por um processo de transformação que o faz crescer, especialmente, em relação à visão sobre sua mãe, visto que neste momento Alfredo demonstra aceitação pela mãe alcoólatra e negra. Durante a estadia na fazenda, o narrador indica mais sinais referentes às mudanças vivenciadas por Alfredo, pois, ao pensar no que a fazenda já foi em outros tempos, o menino reflete sobre a própria vida:

Ninguém, de fato, gostava dos tempos presentes e para estes nasciam eles e outros meninos. Que fizeram as pessoas grandes para deixar apenas isso como herança? Por

que faltava cada vez mais dinheiro para comprar simples coisas, pagar um colégio, encomendar um relógio novo para o pai? Ia o mundo para trás? Por que não se reconstruía o que havia acabado, por que não mandavam instalar novamente luz elétrica na vila, por que seu pai não mais podia ver em Belém as companhias teatrais? E Alfredo indagava, confusamente: De hoje em diante seria a vida aquela acumulação de caruncho, de traça e de poeira e de destroços e pessoas velhas? Os velhos se lastimavam pelo que acabou. Os novos pelo que não vinha. Para os adultos, o tempo presente era o castigo de maior pobreza, enjoo de tudo, briga de uns com os outros, ruínas, luto, ausência de cor e de novidade. Para os meninos, tudo eram trevas, mau agouro (Jurandir, 2018, p. 319-320).

Em suas divagações, o personagem demonstra certa maturidade ao refletir sobre a diferença entre o presente e o tempo passado, que, para ele, se mostrava muito mais glorioso. Na percepção de Alfredo, da herança desse passado restavam apenas destroços e ruínas, que pareciam dominar Marinatambalo e, do mesmo modo, desejavam enredar seu destino de menino, afastando-o do progresso e do tão sonhado colégio. Nas inquietações levantadas por Alfredo, evidencia-se também um olhar atento para as questões sociais, como a falta de dinheiro que pudesse pagar o colégio ou para comprar um relógio para o pai, e até mesmo a falta de luz elétrica na vila, elementos que destacam a pobreza daqueles tempos e uma consciência social latente, construída a partir da perspectiva do personagem.

Os dias que passaram em Marinatambalo também influenciam diretamente a trajetória de Lucíola, como evidencia o narrador:

A moça via-se na fazenda como num espelho. A morte da mãe, a morte do montépio, o suicídio do irmão com aquela mania de ter dinheiro e sífilis, o desentendimento com Dadá, talvez pelo fato de andarem envelhecendo tão depressa e tão solitárias, o louco intento de agarrar àquele menino indomável, tudo isso se refletia em Marinatambalo (Jurandir, 2018, p.318).

Dessa maneira, para Lucíola, a estadia em Marinatambalo também parecia refletir sua existência, a morte da mãe e do irmão, o envelhecimento inevitável e a sensação de solidão, que a fazia apegar-se ainda mais a Alfredo, como se nele estivesse a salvação de seu iminente declínio, tão condizente com o estado daquela triste fazenda. Ademais, a visita à fazenda foi crucial para o desfecho da personagem, haja vista que no desenvolvimento da narrativa Lucíola fica noiva de Edmundo Menezes, herdeiro de Marinatambalo.

No entanto, nos capítulos finais do romance, revela-se que Lucíola desiste do casamento durante a própria cerimônia. Para ela, a união simbolizava a decadência e o afastamento definitivo de Alfredo, um sentimento que começava a tomar forma à medida que o menino crescia. Sua decisão também é motivada pelo desejo de não se tornar parte da família Menezes, reponsável por inúmeras atrocidades cometidas na região ao longo dos anos. Após abandonar o casamento, Lucíola foge em direção aos campos e, mais tarde é encontrada morta, depois de ter

Revista A Palavra (ISSN 2358 0526), 27, jan-jun, p. 23-42, 2025 - 1ª edição

se suicidado.

Assim como ocorre em *Três casas e um rio* (1958), o romance *Primeira manhã* (1967), sexto livro do ciclo dalcidiano, também apresenta personagens femininas cujos nomes marcam sua relevância na trajetória de Alfredo, agora morador da cidade de Belém do Pará. O romance é dividido em duas partes e desenvolve-se a partir da primeira manhã de Alfredo a caminho do ginásio, quando, aos 16 anos, é aprovado no exame do Grupo Paes de Carvalho e inicia um novo percurso escolar.

Em *Primeira manhã* (1967), Alfredo, que nos romances anteriores havia morado em outras partes da cidade, passa a habitar uma casa localizada na rua José Pio, pertencente à família Boaventura. Visto que a família reside no Marajó, é dona Dudu, sobrinha do coronel Boaventura, a responsável pela casa; contudo, embora a obra trate de muitas outras questões, capturam nossa atenção no romance duas personagens femininas que influenciam na jornada de Alfredo: Dona Inácia e Luciana.

Inácia ou madrinha-mãe como é conhecida, é personagem de destaque no romance *Belém do Grão-Pará*, mas em *Primeira manhã* também é figura presente nas lembranças de Alfredo, o que denota sua importância para o personagem. O significado etimológico do nome Inácia está alinhado à função que a personagem exerce nas memórias do protagonista: “do latim Egnatiu, de origem pré-indo-europeia, mas, por etimologia popular, relacionado a ignis, fogo” (Guérios, 1981, p. 146). O fogo segundo o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2000, p. 440) pode representar “iluminação”, nesse sentido, as lembranças evocadas por Alfredo sobre dona Inácia destacam o papel da personagem em seu desenvolvimento, isto porque quando chega em Belém, Alfredo reside na casa de dona Inácia. Em certo trecho do romance *Primeira manhã* (1967), o jovem recém-chegado ao liceu reflete sobre os métodos de ensino aplicados na instituição de ensino e relembra os ensinamentos de dona Inácia:

O saber exige uma vocação? Sim, saber, queria, mas a seus modos, assim como respirar, apanhar manga no chão da Dois de Dezembro, o mesmo que amar, as aulas como os beijos que aí fora o esperavam. Como varar este nevoeiro? Ouvir deste casarão: Mais do que faz de conta, rapaz, aqui é de vera. De vera os artigos do dr. Menendez, lente de latim, contra os roceiros de Guamá? D. Inácia Alcântara, madrinha-mãe, que metia no mesmo saco de seus louvores o capanga Pé de Bola e o filósofo Farias de Brito, aqui estou aluno do dr. Menendez (Jurandir, 2016, p. 19).

O trecho destacado evidencia que, gradativamente, Alfredo toma consciência da ineficiência dos métodos de ensino utilizados no ginásio. Tais métodos pareciam considerar os alunos apenas como um depósito de informações, sem levar em consideração suas vontades e habilidades. Enquanto reflete, Alfredo lembra de dona Inácia e seu interesse em aprender sobre

novos assuntos que iam desde a revolta dos roceiros do Guamá até questões de natureza filosófica, assuntos que frequentemente eram considerados restritos aos homens. Acrescenta-se que o próprio apelido “madrinha-mãe” é representativo, pois a função de uma madrinha é o compromisso de guiar, papel que dona Inácia exerceu por um tempo, desde a chegada de Alfredo a Belém.

Luciana é uma personagem singular e central na narrativa de *Primeira manhã* (1967), Luciana Boaventura<sup>3</sup> é a filha mais nova do Coronel Braulino Boaventura, tal como Alfredo, ela sonha em frequentar o ginásio. Na noite anterior ao seu primeiro dia de aula no ginásio, Alfredo conhece a triste história de Luciana: embora desejasse morar em Belém, o desejo da jovem não foi aceito pela família. Além disso, a personagem é castigada pela mãe sob a acusação de ter sido vista com um vaqueiro em um tabocal nos arredores da fazenda da família, sendo que tal acusação nunca foi provada. Após o ocorrido, Luciana é agredida pela mãe e trancada em um quarto junto com os selins suados dos cavalos, onde é alimentada apenas por bolachas e água durante três dias. Milagrosamente, Luciana consegue sair após um raio derrubar um taberebazeiro, matar dezesseis porcos e abrir a porta.

Ao pensarmos na história de Luciana, é importante analisar a potência de seu nome para os desdobramentos da narrativa. De acordo com o significado etimológico, Luciana “tem origem no latim Lucianus, derivado de Lucius” (Guérios, 1981, p. 165), Lúcio, por sua vez, significa, como já observamos, “Luminoso, luzente, iluminado. Nascido à luz do dia, ou ao romper d’alva” (Guérios, 1981, p. 165). De fato, o nome da personagem pode ser analisado a partir do sentido literal, do ponto de vista que está relacionado à hora de seu nascimento, isto é mencionado na narrativa por dona Santa, tia de Luciana e responsável por seu nascimento: “Luciana no mais que fosse, já não nascia num rancho, ao pé dum curral coberto de morossocas, viu a luz já lá no Camamoro” (Jurandir, 2016, p. 174).

Contudo, além do significado literal, o nome da personagem carrega significados metafóricos. Ao tomar conhecimento da história de Luciana, Alfredo fica comovido e inicia uma busca pela jovem. Ela é solta pelo raio e levada pela tia dona Santa para morar em Belém, mas abandona a casa pouco tempo depois e nunca mais é vista. Nesse sentido, assim como o significado de seu nome, Luciana assume a função de iluminar ou guiar a trajetória de Alfredo em uma busca que se torna não só pela personagem, mas por autoconhecimento.

---

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário etimológico de nomes e Sobrenomes de Guérios (1981, p.74) o sobrenome Boaventura deriva do latim “Boa aventura, Feliz acontecimento”. Observando que o destino de Luciana foi trágico e infeliz, é interessante observar a partir dos pressupostos da Antroponímia literária, como o sobrenome da personagem é trabalhado de forma irônica, pois há uma divergência entre o significado etimológico do sobrenome e o destino da personagem.

É interessante observar que a função de guia exercida por Luciana não se restringe às ações de Alfredo, mas se estende ao próprio desenvolvimento da narrativa. Luciana não é uma personagem efetivamente presente; tudo o que sabemos sobre ela é transmitido por outros personagens que tentam reconstruir a sua história. Nesse sentido, a narrativa se desenrola no tempo das lembranças. Com base na subjetividade dos discursos daqueles que conviveram com Luciana, Alfredo tenta formar uma imagem da jovem. O relato do raio, por exemplo, é um dos mais marcantes tanto na história de Luciana quanto na jornada de Alfredo.

E de repente a trovoada, o raio no taperebazeiro, dezesseis porcos matava, dentro da casa racha um esteio, e o quarto onde estava presa Luciana, tão brusco escancara-se [...] e tudo acontece justamente na semana em que a D. Jovita, mulher do fazendeiro, arrancando do tabocal a filha, tranca a moça, em pelo, no quarto das selas. Os porcos mortos, o taperebazeiro rachado, a casa a modo que se partia ao meio, viventes pelo campo como tições, Alfredo via; nos restos do clarão saltou a moça, com seu terror, sua culpa? Ou sua inocência? Três dias trancada a bolacha e água, dormindo nos selins suados de cavalo. Então por que a trovoada, aquela sem se esperar chegando, no que soltou o raio, mal choveu parou? Por que os porcos, a conta dos meus anos, dezesseis? (Jurandir, 2016, p. 11-12).

No relato da soltura de Luciana, o raio em sentido literal representa a liberdade da personagem, mas para Alfredo apresenta outras significações. De acordo com o dicionário de símbolos “Os raios representam uma emanção luminosa que se propaga a partir de um centro [...] poderá esquentar, estimular e fecundar, ou ao contrário” (Chevalier; Geerbrant, 2000, p. 767). Assim como Luciana, o raio ilumina e estimula a trajetória de Alfredo em busca de entender seus próprios dilemas.

O *Dicionário de símbolos* de Juan Eduardo Cirlot define raio como representativo da iluminação, mas acrescenta a esta definição a ideia de iniciação: “a luz do relâmpago se relaciona com a aurora e a iluminação. Por tais coincidências, encontra-se em relação com o primeiro signo zodiacal, princípio primaveril e símbolo de todos os inícios cíclicos” (Cirlot, 1984, p. 490). Na jornada de Alfredo, o significado de raio interliga-se de fato à ideia de início. Quando pensa a respeito do primeiro dia de colégio, o jovem reflete sobre quanto o percurso educacional que inicia o torna representante de muitos outros que não receberam a mesma oportunidade:

O raio entreabriu a porta do Ginásio, entreabre a janela. Tarde no Ginásio, bom tamanho entre os primeiranistas mirins? Entrava a moleira amadurecendo, entrava homem, este diploma não lhe deu a Dolorosa?  
Trazia consigo a penca de menino e menina de Cachoeira e do Muaná, Raimundinho dos pastéis, a Antônia da Areinha, Andreza (sem Andreza até agora!), Luciana (me mandem pro Ginásio, que eu quero), deles e delas carregado para entrar no liceu, por isso o coração pesava mais, ia mais ligeiro, o passo rangia mais (Jurandir, 2016, p. 15).

A chegada de Alfredo ao colégio é representativa, pois o personagem traz consigo todos



os outros meninos e meninas da Vila de Cachoeira e de outras regiões distantes da capital. Nesse sentido, Alfredo é a projeção do desejo de toda a sua gente do interior, incluindo Luciana, cujo sonho era tornar-se uma ginásiana. O raio também assume outros significados relacionados ao número dezesseis, dezesseis era o número de porcos mortos que rodeavam Luciana, mas dezesseis também eram os anos de Alfredo quando chega ao Liceu “De repente dezesseis. Como o raio abrindo o quarto de Luciana, caíram estes dezesseis anos, arde o ginásio no clarão, subirá numa vertigem. Dezesseis. Dezesseis porcos rodeavam Luciana” (Jurandir, 2016, p.15).

O significado simbólico do número dezesseis é pertinente a essa análise, pois segundo o dicionário de símbolos: “Se, por outro lado, consideramos que é o dobro de oito, ele se torna a multiplicação para o ser, dos ciclos de vicissitudes e renascimento” (Chevalier; Geerbrant, 2000, p. 335). Com isso, Alfredo não apenas estava iniciando um novo ciclo educacional, mas uma nova fase na vida, deixando para trás a infância e tornando-se homem. Como destacado no seguinte excerto:

Pro Ginásio vou eu, sem pai fazendeiro nem mãe casada no juiz, esta que podia também ter sido arrancada do tabocal pelo irmão Antônio, tal qual Luciana neste primeiro dia de Ginásio? Vai comigo, dentro de mim, para o Liceu, conforme sua vontade, seu desejo? Solta pelo raio, levada pela tia para Belém, da tia, não demora, separou-se [...] Fugindo de si mesma, trancada no seu castigo, à espera de outro raio que lhe abra a porta, que porta, qual? onde? como? Preciso me incomodar com o destino alheio, agora que sigo para o meu? Debaixo deste rangido, neste culote enorme, o quepe um tanto alheio à cabeça, Luciana acompanha-me [...]

O raio também vai me abrindo um caminho, não na rua, nuvem ou rio, mas em mim mesmo, neste verdoengo e secreto ser que sou. Não dizia adeus ao menino, que menino não era mais, mas a um obstinado, inumerável tempo, adeus a certas perdas e temores, à solidão sem causa, onde vê pelo campo noturno, carregada entre faróis, o corpo de Lucíola, a madrinha-mãe ao pé do cacto, apagada nas sombras, a d. Celeste vazia de vestidos, do vapor Trombetas e dos azulejos (Jurandir, 2016, p. 14).

Assim, a trajetória de Alfredo e as transformações que vivencia ao longo da narrativa revelam-se impulsionados pelas ações das personagens femininas que o acompanham. No trecho em destaque, Alfredo faz menção às personagens que estiveram ao seu lado desde a infância até a chegada da juventude. Dessa forma, o outrora menino, agora jovem, retoma a importância de cada uma das personagens que ao seu lado empreenderam muitas jornadas em sentido literal, mas sobretudo em sentido metafórico. Ao chegar ao ginásio, Alfredo inicia uma busca não só por Luciana ou por uma vida melhor, mas buscava o autoconhecimento e a capacidade de lidar com os dilemas pessoais. A despedida da infância, no entanto, revela que a cidade iluminada pelo raio e pelas figuras femininas mostrava-se muito diferente daquela idealizada em seus sonhos de menino.

## 5 Considerações finais

Os resultados deste estudo, reforçam a importância de pesquisas pautadas no âmbito da antroponímia literária como chave de leitura de obras literárias. O estudo dos nomes das personagens femininas em dois romances dalcidianos mostrou-se uma abordagem eficaz para analisarmos como tais nomes funcionam como metáforas para o desenvolvimento da jornada do protagonista Alfredo.

Além disso, para entender a relação estabelecida entre Alfredo e as personagens femininas, foi essencial compreender a construção dessas personagens dalcidianas, pois, embora sejam personagens amazônicas, representam os dilemas e dramas humanos aos quais todos os personagens estão sujeitos e caracterizam a escrita de Dalcídio Jurandir como universal.

No que diz respeito à análise, os estudos dos nomes indicam que, nas duas obras de Dalcídio Jurandir, os nomes das personagens femininas são altamente significativos, pois revelam sua importância na trajetória de Alfredo. As personagens femininas criadas por Jurandir desempenham papéis fundamentais na formação do protagonista, muitas vezes atuando como guias em sua jornada de autoconhecimento e se alinhando ao significado dos nomes, iluminando os caminhos do protagonista. Elas o ajudam a moldar sua visão de mundo e a lidar com seus dilemas pessoais e sociais.

Por outro lado, a função que exercem não se limita a guiar ou iluminar apenas os caminhos de Alfredo, suas ações e escolhas destacam a relevância de suas próprias jornadas. Suas histórias refletem contextos de opressão, pobreza e resistência, elementos que corroboram para a construção de uma narrativa humanizada e de teor denunciativo, aspectos característicos da escrita dalcidiana.

## Referências

- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M.S. *Nomes próprios: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555500011>
- ASSIS, Rosa. Dalcídio Jurandir: Uma leitura nas cartas de Dalcídio Jurandir. In: *Asas da palavra*. Belém. UNAMA, v, 3 n 1, p 38, 1996a. Disponível em: [revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc](http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc). Acesso em : 15 dez. 2024.
- ASSIS, Rosa. Dalcídio Jurandir: a simplicidade de um simples e alguns aspectos de sua obra. In: *Asas da palavra*. Belém. UNAMA, v, 3 n 1, p 45, 1996b. Disponível em: [revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc](http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc). Acesso em : 15 dez. 2024.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva. 1992. p. 51-80.
- CARVALHINHOS, P. de J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Linguagem*, v.1, n. 1, 1º semestre 2007. 2011. Disponível em: [http://www.seer.ufu.br/index.php/dominios\\_delinguagem/article/view/11401](http://www.seer.ufu.br/index.php/dominios_delinguagem/article/view/11401). Acesso em: 10 dez. 2024
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: José Olympio, 2000.
- CIRLOT, J. E. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes LTDA, 1984.
- FURTADO, Marlí Tereza. A água, o feminino e as projeções em Alfredo, de Dalcídio Jurandir: In: *Asas da palavra*. Belém: UNAMA, v. 9 n. 2 p. 41- 46. 2004.
- FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado das Letras, 2010
- GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. 3ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- JURANDIR, Dalcídio. Um escritor no purgatório. Entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão. In: *Asas da palavra*. Belém: UNAMA, n 04, p. 28, 1996. Disponível em: [revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc](http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc). PDF. Acesso em 15 nov. 2024
- JURANDIR, Dalcídio. *Primeira Manhã*. 3ª ed. Belém: Marques, 2016
- JURANDIR, Dalcídio. *Três Casas e um rio*. 4º ed. Bragança; Pará. grafo Editora. 2018
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003
- MEXIAS-SIMON, M. L. Os Nomes na Literatura. *Revista Philologus*, ano 13, Nº 38. Rio de Janeiro: CiFEFil, maio/ago. 2007.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 2ª edição revista. SP: Cultrix, 1978.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966. (Coleção Dicionários Especializados).
- NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir Romancista da Amazônia*. Belém: SECULT, 2006. 264 p.
- PEDRASSANI, J. S; ECKERT, K.; ROHRIG, M. Onomástica literária: os nomes dos personagens do romance Lucíola de José de Alencar. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 3. n. 204-312, 2018. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex6-v3n2a2018-4>
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa*. Trad. Angela Bergamini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SANTOS, A. O. A. *A Figuração da Mulher em Dalcídio Jurandir: entre o desamparo, a opressão e a transgressão*. 2019. 201 f. Tese (Doutorado em Letras) - programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- SEIDE, Márcia Sipavicius. Funções literárias de nomes de personagem no romance O filho

de mil homens. *Revista GTLex*, v. 9. e0914, 2023/24 DOI 10.14393/Lex-v9a2023/24-14e0914.

**Recebido:** 30/04/2025

**Aprovado:** 20/06/2025

**Publicado:** 30/06/2025